

A economia capitalista sete anos depois do início da crise econômica e financeira mundial¹

François Chesnais

Em 16 de julho de 2007, o banco de investimento Bear Stearns anunciava a falência de dois de seus fundos de investimento de alto risco (hedge fund). A propagação mundial não se fez esperar. Em 9 de agosto, por sua vez, o BNP Paribas fechava três fundos de alto risco em situação de falência. Da Alemanha vinha a notícia de grandes dificuldades de vários *Landesbank* (bancos regionais), entre os quais o Deutsche Bank (reputado por ser acima de qualquer suspeita). Ele tinha vendido títulos podres sob a forma de "produtos estruturados", incluindo empréstimos hipotecários irrecuperáveis. Assim começava a primeira fase da crise econômica e financeira mundial, aquela dos títulos chamados de "subprime". Quinze dias mais tarde, em Londres e Nova York, o mercado de empréstimo de curto e curtíssimo prazo (*Money market*) se congelava e grandes bancos recusavam-se a fazer inclusive empréstimos mútuos *over-night* habituais (empréstimos para fechar formalmente as contas em equilíbrio). A partir do início de setembro, um dos indicadores chave da conjuntura financeira mundializada, a saber, a taxa de juros londrina sobre os empréstimos de curtíssimo prazo, a Libor, aumentava fortemente e não baixava, a despeito da intervenção coordenada dos bancos centrais. Em 27 de setembro de 2007, o sétimo banco britânico, o Northern Rock, que estava engajado de maneira particularmente significativa nos empréstimos hipotecários, entrava em falência e era colocado sob controle estatal (o que se chama, de maneira incorreta, a "nacionalização", enquanto se trata da forma acabada de salvamento com socialização das perdas à custa dos trabalhadores e contribuintes)². Depois, em março de 2008, veio a falência do Bear Stearns e sua compra a preço vil por JP Morgan Chase e, em março de 2008, veio a falência do Lehmann Brothers. A intervenção do Federal Reserve (FED) e do governo americano, assim como seus homólogos europeus, evitava uma crise financeira sistêmica mundial. Mas a amplitude da superprodução, que o recurso generalizado e intensificado ao crédito tinha mascarado durante anos, lhes impedia interromper a entrada da economia estadunidense em recessão, que foi seguida em algumas semanas por muitos outros países, especialmente o conjunto que forma a União Europeia. A queda da produção e do comércio mundiais, a partir do fim de 2008 e ao longo do ano de 2009, apenas foi interrompida pelo apoio dado pelo partido comunista chinês à continuidade da acumulação na China, com fortes efeitos em cascata passageiros nos principais países fornecedores de matérias primas e de alimentos, especialmente na América do Sul. Onde

¹ Publicado originalmente em <http://alencontre.org/laune/remarques-sur-la-situation-de-economie-capitaliste-mondiale-sept-ans-apres-le-debut-de-la-crise-economique-et-financiere-mondiale.html>.

Tradução de Rosa Maria Marques e Paulo Nakatani.

² Para uma primeira análise, no calor do momento, quando no outono de 2007 se estava no início de uma crise mundial, ver Sur la portée et le cheminement de la crise financière », La Brèche-Carré rouge, n°1, décembre 2007. http://labreche.org/wp-content/uploads/2011/04/Rev01_Chesnais.pdf .

estamos sete anos depois do início da crise? Os relatórios publicados anualmente pelas duas principais organizações financeiras internacionais, a saber, o Global Financial Stability Report (relatório sobre a estabilidade financeira no mundo), publicado em abril de 2014³ e o relatório anual do Banco de Compensações Internacionais (Bank for International Settlements – BIS) sediado na Basileia, divulgado ao final de junho de 2014⁴, permitem avaliar melhor que todos os outros relatórios. Eles analisam o estado atual do sistema capitalista mundial sob o ângulo das políticas monetárias conduzidas em diferentes pontos do sistema estatal global, o impasse no qual elas se encontram e o comportamento dos investidores financeiros em zonas particularmente vulneráveis do sistema global. Os dois relatórios merecem que neles nos detenhamos e que coloquemos suas conclusões em uma perspectiva histórica mais longa e num quadro analítico apropriado. Para os responsáveis pela política monetária, tornada o principal, senão o único instrumento econômico, o dilema central do momento é o seguinte. Depois de 2008, sem a utilização continuada das “políticas monetárias flexíveis” (o *quantitative easing*), a América do Norte e a Europa teriam permanecido em recessão e não teriam conhecido taxas de crescimento, mesmo muito fracas, das quais se beneficiaram. Esse afluxo de liquidez não serviu para relançar o investimento, mas unicamente para confortar os investidores financeiros.

“Uma impressão desconcertante de descolamento entre o dinamismo dos mercados e a evolução subjacente da economia mundial”.

Tais são os termos empregados pelo BIS para caracterizar a situação econômica mundial e constatar o fracasso das “políticas monetárias flexíveis” que ele, e mais ainda o Fundo Monetário Internacional (FMI), fazem um balanço muito negativo. A constatação de fracasso é importante: por toda uma série de países, investidores que recomeçam a se lançar em especulações ao mesmo tempo arriscadas e muito desestabilizadoras, enquanto a economia mundial está sem vitalidade e ameaçada no setor industrial pela deflação. É necessário situar essa constatação no contexto histórico e no quadro analítico seguinte. A imensa acumulação de capital fictício, na qual as operações no domínio hipotecário foram a centelha que desencadeou a crise mundial em 2007 e que lhe deu o aspecto de uma crise financeira, somente foi reduzida pela recessão mundial de 2009 – 2010. Passado o momento de pânico e salvo o sistema financeiro mundial, os investidores financeiros retomaram o touro pelos cornos e com a ajuda das “políticas monetárias flexíveis”, voltaram com força total em suas operações especulativas. Ao mesmo tempo, as respostas dadas às causas fundamentais da crise mundial, a começar pela superacumulação e pela superprodução em diferentes pontos do sistema mundial, trouxeram somente poucos resultados.

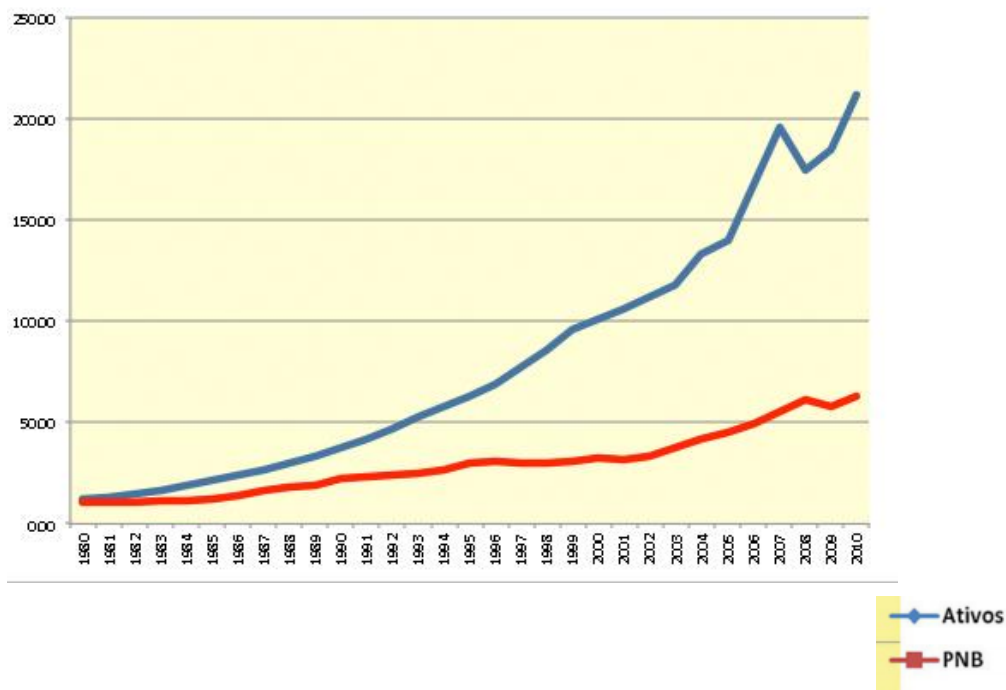
³ International Monetary Fund, Global Financial Stability Report—Moving from Liquidity- to Growth-Driven Markets, Washington D.C., April 2014.

⁴ Banque des règlements internationaux, 84ième Rapport annuel, 29 juin 2014.

Resultante de um processo de centralização / concentração industrial e bancário de uma amplitude sem precedente (e que não cessa de continuar e de se acentuar), o capital financeiro é um bloco diferenciado. É composto de grupos chamados de "industriais" (produção manufatureira, serviços, agroindústria e extração mineral), de grupos de distribuição imensos (Wal-Mart, Carrefour, Tesco) e de sociedades financeiras – grandes bancos, seguradoras, fundos de pensão e Hedge Funds – cujo "negócio" é valorizar as somas de dinheiro tornadas capital pela ação da centralização em suas mãos, e assim de "nela fabricar" dinheiro, através dos mecanismos de crédito que a finança não cessa de aprimorar. Com a mundialização e a financeirização do capital, é a esfera da operação e os modos de valorização do capital deste terceiro componente que se tornou (como em 1929 – 1933, mas a um grau infinitamente mais elevado) o ponto de concentração das contradições capitalistas fundamentais – superacumulação e ação efetiva da baixa tendencial da taxa de lucro. A concentração da propriedade do capital sob a forma mobiliária (ações e obrigações), combinada com a busca de mobilidade máxima dos títulos e dos direitos e correlatos (a liquidez de Keynes) está na base do desenvolvimento extraordinário dos mercados de ações e de obrigações, de divisas e de "ativos derivados" de títulos. As ações e títulos da dívida – pública, de empresas ou das famílias – não são capital do ponto de vista da acumulação entendida como ampliação da produção⁵. São créditos, títulos da dívida ou ações, que dão direito à apropriação de frações da mais valia. Sua gestão é deixada amplamente aos bancos, aos investidores "institucionais" (seguradoras e fundos de pensão) e aos Hedge Funds, cujos lucros estão ligados à "performance" das transações efetuadas. Sua acumulação específica resulta de um processo cujas origens remontam ao final dos anos 1960, para o qual o serviço da dívida do Terceiro Mundo contribuiu inicialmente, depois os sistemas de aposentadorias por capitalização, e finalmente, o serviço da dívida dos países capitalistas avançados. O descolamento entre o crescimento dos ativos financeiros e o do PIB mundial começa desde os anos 1980.

⁵ A teoria do capital fictício é desenvolvida por Marx nos capítulos XXV e XXIX do Livro III de O Capital.

Gráfico 1 – Riqueza fictícia (estoque mundial de ativos financeiros) e renda real mundial (PNB) US\$ trilhões.



Fonte: McKinseys Global Institute (Ativos) e FMI (PNB); elaboração própria [de Leda Paulani].

Obs.: Para a construção do gráfico, os valores do estoque mundial de ativos financeiros correspondentes aos anos para os quais [não] há dados disponíveis foram estimados como crescendo a uma taxa constante.

Mais adiante, voltaremos sobre o comportamento das curvas no final do período. No momento, trata-se de destacar que, uma vez lançada, a acumulação financeira se desenvolve pelo jogo de mecanismos de apropriação e de crescimento endógenos que lhe são próprios. Os efeitos de bola de neve dos juros que os Estados pagam como serviço das dívidas públicas e a perpetuação de situações de endividamento dos países que daí resulta, são os mais importantes. Eles permitem avaliar a diferença entre uma relação de crédito, na qual o reembolso extingue a dívida, e aquela do endividamento que está organizado de uma maneira que a dívida nunca tenha fim. O fortalecimento do poder dos credores é em si um fator de modificação das relações políticas e econômicas em benefício do capital e à custa do trabalho. O efeito foi multiplicado pela liberalização e a mundialização do capital, aumentando o peso dos acionistas nas decisões referentes ao nível "aceitável" de lucros e ao pagamento dos dividendos. A implantação do que se chama de "governança corporativa" e de "valor acionário" elevou a pressão sobre os dirigentes de empresa para que eles ampliem a taxa de exploração e aumentou a parte do valor total produzido apropriado pelos proprietários do capital. Enfim, nos anos 1990 e, sobretudo assim que houve a retomada da economia estadunidense pelo setor imobiliário após o crash da Bolsa de 2001, se somaram os juros, absolutamente minúsculos em comparação com as duas forças mencionadas, recebidos através de empréstimos hipotecários.

Hipertrofia dos « mercados » e fetichismo do dinheiro

Somente uma fração da massa de mais valia, assim apropriada sob a forma de juros e dividendos, foi consumida. Não importa o quão elevado tenha sido (e continua sendo) o estilo de vida daqueles que hoje se designa como os "1%"⁶ e quão importantes tenham sido suas despesas, uma grande parte do que os estratos sociais mais ricos receberam foi confiada aos administradores de fundos de aplicação e outra dirigida à especulação imobiliária⁷. Pode-se contrastar sua situação com aquela dos beneficiários dos fundos de pensão e dos fundos de poupança salarial. Estes foram severamente atingidos com o crash da Bolsa de setembro de 2008. No caso dos países europeus cujos fundos para a aposentadoria estavam aplicados nos mercados financeiros, estes sofreram novas perdas em 2011⁸. Quantidades elevadas de mais valia, nem consumidas nem reinvestidas na produção, que não saem nunca da esfera dos mercados de ativos e das transações financeiras, vêm, então, inchar, ao longo dos anos, a massa de somas chamadas de "capital" que os bancos e os administradores de fundos têm buscado "valorizar" em seus mercados cada vez com mais dificuldades. No capitalismo financeirizado, a sede de mais valia sobre a qual Paul Mattick insistiu em seu comentário sobre Marx⁹, aguça a concorrência entre os administradores e impulsiona à busca por "inovações financeiras". Em um momento *X*, não importa quão elevada seja a taxa de exploração, há somente um montante dado, limitado, de mais valia que os proprietários de títulos podem disputar entre eles, enquanto que a cobrança de juros sobre certos ativos (especialmente as hipotecas) dão lugar a construções cada vez mais arriscadas. Os produtos financeiros remetem à categoria analisada por Marx em seus capítulos sobre o juro. Este, na variedade de formas por ele assumida, é uma dedução do lucro industrial que tem sua origem na exploração da força de trabalho¹⁰.

Os anos 2000 viram uma forte expansão da emissão de novas formas de títulos, os "produtos estruturados" que foram o coração da crise de 2007 – 2009. Ela correspondeu simultaneamente à necessidade do capital estadunidense sustentar a atividade produtiva mediante a maior ampliação possível do crédito e à dos bancos, de inventarem formas novas de valorização geradoras de lucros financeiros. Do ponto de vista da acumulação, entendida como expansão ou renovação das capacidades de produção de mercadorias e, assim, de criação de mais valia, as ações e as obrigações já são capital fictício. O sistema financeiro criou algumas formas cujo grau de « ficção » não cessa de aumentar. O capital dinheiro, que assume o ciclo abreviado *D – D'*, engendrou o que Marx chamou de fetichismo do dinheiro desde as primeiras etapas de sua centralização no século XIX. Ele cria, nos detentores de

⁶ Alain Bihr et Roland Pfefferkorn (dir.), *Dictionnaire des inégalités*, Paris, Armand Colin, 2014.

⁷ A amplitude desta especulação foi tal, que as famílias mais ricas tomaram empréstimos maciçamente para disso aproveitar. Ver a tabela na página 33 em Eric Toussaint, *Bancocratie*, Edição Aden, Bruxelles, 2014.

⁸ OECD, *Pension Markets in Focus*, October 2009, Issue 6, <http://www.oecd.org/finance/private-pensions/43943964.pdf> e para o Reino Unido, *inter alia*, Daily Telegraph 7 Oct. 2011 <http://www.telegraph.co.uk/finance/personalfinance/pensions/8814750/Value-of-private-pensions-falls-by-nearly-a-third-in-three-years.html>

⁹ Paul Mattick, *Crises et théories des crises*, Fischer Verlag, Francfort/M., 1974, para a edição alemã. Editions Champ Libre, Paris, 1976, para a tradução francesa.

¹⁰ Marx, *O capital*, vol. III, capítulos XXI et XXII.

títulos, a falsa ilusão de autonomia dos mercados, nos quais eles conduzem suas operações através de mecanismos de apropriação que os sustentam no plano da produção e das trocas. A hipertrofia do sistema financeiro, expressa tão claramente na arquitetura dos mercados financeiros, reforçou qualitativamente sua aparência de destaque e o sentimento de autonomia entre os *traders*. Na medida em que os anos 1990 avançaram, o que Alan Greenspan chamou de “exuberância irracional dos mercados” (antes de ele mesmo fazer de tudo para fortalecê-la - o Greenspan *touch*), conquistou os investidores até que a crise financeira de 2008, a única que eles reconhecem, os deixassem sóbrios temporariamente.

É aqui que é necessário voltar à curva superior do Gráfico 1. Se os bancos e os fundos de aplicação financeiros sofreram perdas coletivamente a partir do fim de 2007 e se a crise sistêmica foi atingida de raspão em 2008, a queda do volume global de ativos financeiros foi interrompida desde 2009. Em 2010, este cresce novamente graças ao serviço dos juros sobre os títulos da dívida pública, cujo montante aumentou fortemente devido aos planos de “salvamento”¹¹. Grandes bancos e pequenos *Hedges Funds* faliram. Independentemente dos beneficiários das subvenções ao mercado financeiro, houve, no seio da finança, perdedores e ganhadores. A concentração sempre mais elevada dos sistemas bancários, que será tema mais adiante, foi uma das consequências. Mas globalmente, os governos e os bancos centrais, na qualidade de detentores dos títulos da dívida pública, tiveram sucesso em fazer com que os bancos não somente fossem salvos, mas que se beneficiassem de um fluxo regular de lucro e que ditassem suas condições. Em razão dos planos de salvamento de 2008 e das políticas monetárias implantadas desde então, atualmente se está novamente em presença de uma massa de capital dinheiro tão grande quanto antes, senão mais, que busca se valorizar assumindo o ciclo D – D’. Daí, o reaparecimento dos empréstimos arriscados constatado pelo FMI e pelo BIS. Falando de “uma sombra projetada pela Grande Depressão financeira da qual a economia mundial custa a sair” e de sua “herança onipresente”, o BIS é obrigado a citar “o nível comparativamente elevado do desemprego nas economias afetadas pela crise, ainda que o crescimento da produção se tenha firmado”, mas também “a diferença entre a extraordinária euforia dos mercadores financeiros e a fraqueza do investimento”, que estão na dependência crescente dos bancos centrais¹².

As mais recentes previsões de crescimento

Vamos à “evolução subjacente da economia mundial” de hoje, para retomar a expressão do BIS. As previsões publicadas pela OCDE, em maio de 2014, antecipam um crescimento da economia mundial de 3,9% em 2014, com baixa de 0,2% em relação às previsões de novembro de 2013. A previsão de 3,9% para 2015 está mantida por enquanto, mas o resumo do relatório previne que “riscos importantes rodeiam as projeções de

¹¹ Financial Globalization, Retreat or Reset? McKinsey Global Institute, março de 2013: “depois que a crise financeira de 2008 e a recessão mundial tivessem colocado fim a três décadas de expansão dos mercados de capitais e de mercados bancários globais”, em 2010 “seu crescimento retomou, alimentado pela expansão nas economias em desenvolvimento, mas também pelo crescimento de 4,4 trilhões de dólares de dívidas soberanas”.

¹² BIS, 2014, p. 23.

referência. Elas são ainda orientadas à baixa, apesar da melhoria das perspectivas”. E a OCDE precisa: “nem a amplitude da desaceleração nem a fragilidade do sistema bancário na China podem ser avaliadas com segurança. Persistem igualmente riscos derivados da interação possível de vulnerabilidades financeiras de certas economias de mercado e da normalização futura da política monetária nos Estados Unidos. Os acontecimentos na Ucrânia têm, por outro lado, acentuado a incerteza geopolítica”¹³. A OCDE pleiteou para que seja adiado o abandono das “políticas monetárias flexíveis”, apesar dos perigos crescentes identificados pelo FMI e pelo BIS, o que será detalhado mais adiante. *The Economist* fez o mesmo¹⁴. Na zona do euro seu ponto de vista prevaleceu, pois em 5 de junho de 2014 o Banco Central Europeu (BCE) anunciou que baixava mais uma vez a taxa a que empresta aos bancos¹⁵. Ela passou de 0,25% (em vigor depois de novembro de 2013) a 0,15% a partir de 11 de julho. Isso mostra o fundamento e a fragilidade da “retomada” na União Europeia.

Figura 1



Note-se que as estimativas da OCDE incluem a China e a Rússia. A mundialização financeira e a variedade e a rapidez dos mecanismos de contágio da crise são a expressão, ao nível financeiro, que a crise que nós vivemos tem por quadro o “mercado mundial constituído”. Este já não está somente “contido na noção mesma de capital e em seu movimento” como escrevia Marx. Ele é completado sobre o triplo plano da finança, do investimento direto e das transações financeiras. Toda análise pertinente deve, então, levar em conta, tanto como possível, a economia mundial como ponto de partida, mesmo se os dados são incompletos. Isso é o que os relatórios da CNUCED tentaram fazer depois de alguns anos e que a OCDE hoje tenta fazer na Figura 1 e o FMI em seu relatório.

¹³ OCDE, Economic Outlook, 6 May, 2014, <http://www.oecd.org/eco/outlook/economicoutlook.htm>

¹⁴ « Don't raise interest rates », *The Economist*, 21jun 2014.

¹⁵ Ver artigo de Eric Toussaint, « Super Mario », no site do CADTM, 8 de agosto de 2014.

Sobre acumulação e taxa de lucro

O escopo do debate no seio dos organismos financeiros sobre o impasse das políticas monetárias não pode ser apreciado se não se coloca claramente que não se trata de uma crise financeira, mas de uma grande crise econômica mundial. Ela traduz as contradições mais fundamentais do capital e marca o fracasso e o fim do modo no qual o capital, sob a hegemonia americana, buscou conter essas contradições, ao mesmo tempo em que as aprofundava. A acumulação de capital fictício sobre um longo período e, portanto, a hipertrofia dos mercados financeiros mundializados, tem por consequência que a expressão dessas contradições na esfera financeira é mais importante, tomando formas mais variadas e complicadas que no curso das grandes crises precedentes. Ao lado das Bolsas e dos bancos, nos quais se concentraram os episódios financeiros da crise de 1929 (crash de Wall Street) a 1932-33 (crise dos bancos nos Estados Unidos e na Alemanha), desenvolveram-se tipos de investidores e de mercados de títulos que tornam bem mais complicada a gestão das dimensões financeiras da crise pelos bancos centrais.

Para além dos traços específicos da cada grande crise, a superacumulação do capital e a superprodução de mercadorias têm sempre uma característica central. É o mesmo com a crise em curso. A sede insaciável de mais valia do capital e o fato de o capital "quer(er) que se produza exclusivamente para ele, enquanto que os meios de produção deveriam servir para uma extensão contínua da vida social"¹⁶, junto com o jogo da concorrência dos oligopólios sobre o mercado mundial, explicam que as crises são hoje crises de superacumulação de capacidades de produção, cujo corolário é a superprodução de mercadorias. Esta superacumulação e esta superprodução têm como ponto de referência a taxa de lucro mínima na qual os capitalistas continuam a investir e a produzir. A amplitude da superacumulação está na medida do recurso ao endividamento nos Estados Unidos e nos países da OCDE que prolongou a acumulação depois de 1998, mascarando o movimento subjacente de baixa do lucro e diferindo o início da crise. No caso da China, atuaram a criação de capacidades de produção pelo investimento direto de grupos estadunidenses e japoneses (a China, "fábrica do mundo") e os mecanismos de superacumulação específicos enraizados na concorrência entre frações do aparelho dirigente do Partido Comunista Chinês no plano das regiões e das grandes cidades. Em seguida houve, a partir do fim de 2008, a intervenção estatal maciça coordenada durante um tempo entre numerosos governantes do G20 para preservar as posições dos grupos industriais, especialmente na indústria automobilística dos países centrais. A superacumulação e a superprodução foram, em seguida, expressas sob a forma de localização de novos investimentos de grupos especialmente europeus nos grandes mercados "emergentes" (China, Índia, Brasil), de um forte aumento da concorrência e, em um número crescente de setores, de uma guerra de preços na qual a baixa dos salários e a precarização elevada do emprego são instrumentos essenciais para o capital. Os governos e os dirigentes das organizações internacionais, Organização Mundial do Comércio (OMC) à frente, se felicitam pelo fraco avanço do protecionismo. Mas houve e há sempre, de maneira crescente, uma "exportação do

¹⁶ Marx, O Capital, livro III, volume 6, página 263.

desemprego” dos países mais “competitivos” para aqueles que são menos.

As estimativas numéricas da superacumulação existem somente para um pequeno número de indústrias¹⁷. Uma delas é o aço: um estudo recente estima o excesso de capacidade de produção em 500 milhões de toneladas no plano mundial¹⁸. Elas estão concentrados na China, mas estão presentes também no Japão, na Rússia, Coreia do Sul, na Índia e na União Europeia. Os processos na OMC por *dumping* se multiplicaram, pois o aço é uma das indústrias onde o investimento direto estrangeiro é fraco e onde a exportação de mercadoria é simultaneamente exportação de “seu próprio desemprego” em direção a outros países. Somente o excesso de capacidade produtiva chinês é de 300 milhões de toneladas, isto é o equivalente à totalidade do excesso de capacidade europeu¹⁹. Na sessão da Assembleia Nacional Popular, de março de 2014, o aço, o cimento e o vidro foram as principais indústrias mencionadas, estando em situação de excesso de capacidade produtiva absoluta no relatório do novo chefe do PCC Li Keqiang. Outros estudos chineses destacam o que eles chamam de “excesso de capacidade em relação à demanda externa”. Um relatório das indústrias de Hunan estabelece uma lista encabeçada pela têxtil, roupas, calçados, mas também de indústrias mais sofisticadas como as eólicas e as de equipamentos de energia solar, no qual o risco de protecionismo existe²⁰.

Nos Estados Unidos, onde a crise hipotecária resultou numa superprodução de moradias, amplamente especulativa e sustentada por mecanismos de securitização, e acompanhada pela formação de excesso de capacidade nas indústrias da construção, os efeitos desses mecanismos perduram, mesmo se o fundo do poço do colapso do mercado imobiliário é considerado como tendo sido atingido em 2013. Na Europa, a Espanha está na mesma situação. De maneira mais geral, na Europa depois de 2009, em várias indústrias os fechamentos de fábricas e as demissões conduziram à destruição de meios de produção e de postos de trabalho, que vêm engrossar o número de desempregados nas montadoras, mas também fortemente nas subcontratadas. Na indústria automobilística, os fechamentos de fábricas são considerados como sendo ainda insuficientes pelos dirigentes dos grupos nacionais e estrangeiros. Em junho de 2013, 58 fábricas foram apresentadas como funcionando a menos de 75% de sua capacidade²¹. O número fornecido para o antigo bastião operário da Fiat em Mirafiore, em Turim, foi de 16%. É necessário interpretar estas cifras. Em uma indústria onde os fechamentos de fábricas são a consequência das estratégias de

¹⁷ Esta parte do artigo atualiza os dados apresentados em meu artigo de 2012 “Aux racines de la crise économique mondiale”, Carré rouge, nº46 e na página de L’Encontre. Este artigo foi traduzido e publicado em O Olho da História, nº 16, 2012 e pode ser acessado em <http://oolhodahistoria.org/n16/artigos/chesnais1.pdf>.

¹⁸ Surging Steel Imports Put Up To Half a Million U.S. Jobs at Risk, Economic Policy Institute Briefing Paper, nº 376, 14 May 2014.

¹⁹ <http://www.ibtimes.com/china-steel-overcapacity-reaching-new-heights-beyond-imagination-1558026>.

²⁰ 19] Textile and Apparel: traditional external demand overcapacity in the industry, the development of counter-measures, 2012, http://www.fyjhx.cn/en_US/news/html/18.html Documento de grande interesse, que detalha o que é demandado pelo Estado central e pelo governo regional, e que introduz a questão do investimento direto estrangeiro no exterior.

²¹ Unprofitable Auto Plants Multiply in Europe, Wall Street Journal, June 18, 2013.

reestruturação e de reconfigurações internacionais permitidas pela dupla liberdade do investimento direto e da (re) importação da produção a partir de fábricas localizadas no estrangeiro, esses números somente expressam o fato de que a produção foi retirada passo a passo do país para aniquilar a combatividade operária, depois que a assinatura de acordos “majoritários” com certos sindicatos, que servem como ponto de referência para outras fábricas do grupo, foi obtido. Um perfeito exemplo de “deslocalização pelo deslocamento de novos investimentos” é dado pelo grupo Renault, que abriu uma grande fábrica no Marrocos, reimportando uma ampla parte de sua produção em direção à França e ao resto da União Europeia. Assim, quando o patrão da Ford declara que o excesso de capacidade ainda está elevado na Europa, está somente anunciando que ainda vai fechar fábricas e que outros grupos farão o mesmo²².

Não vou entrar aqui no debate sobre as estimativas estatísticas da evolução da taxa de lucro (especialmente porque, para aí entrar, seria necessário ser eu mesmo um “produtor de curvas”), nem para a fase precedente a 2007-2008, nem para hoje, para o qual certos cálculos a partir de números estadunidenses dão a taxa de lucro novamente em alta, o que é indiscutivelmente o caso para o núcleo duro do capital financeiro, a saber, os grandes grupos cotados na Bolsa e não somente nos Estados Unidos. Limitar-me-ei a observar que seu nível não é suficientemente alto para impulsionar os grandes grupos manufatureiros e de serviços, tomados como um todo, para investir de novo em uma escala que tenha um efeito sobre a taxa de crescimento. E darei a interpretação seguinte, isto é, que há um enfraquecimento dos fatores citados por Marx como contrarrestantes à tendência à baixa da taxa de lucro. Vários processos estão em marcha. Todo um artigo seria necessário para uma análise em profundidade. No entanto, aventuro-me a generalizações sobre três pontos²³. Em primeiro lugar, depois de 15 anos o capital se beneficia de uma forte alta da taxa de exploração (ponto I), devido à colocação em concorrência dos trabalhadores entre países e entre continentes, e à informatização dos processos de trabalho em todos os setores, que se duvida que prossiga no mesmo ritmo. Um estudo de Natixis, por exemplo, constata que “um enfraquecimento tendencial do crescimento da produtividade global dos fatores, tanto nos Estados Unidos como na Europa” é, assim, “a causa da crise”²⁴. Em seguida, a dimensão da superpopulação relativa em escala mundial (ponto IV) é tal que, longe de atuar no sentido de uma alta da taxa de lucro, o desemprego maciço e a pauperização tornam-se uma fonte de custo para o capital (devido, por exemplo, ao custo de controle dos fluxos migratórios e dos efeitos desestabilizadores das guerras regionais, mesmo se certos grupos capitalistas delas se aproveitam). Enfim, no que concerne à baixa dos preços dos elementos do capital constante (ponto III), se ela é efetiva para os bens de capital em geral (inclusive informática), para a energia e muitas matérias primas o movimento é globalmente inverso. A esses três pontos é necessário somar um quarto, que não se discute. Se o comércio externo permite a esse ou aquele segmento nacional do capital frear a atuação da baixa tendencial

²² Ford chief Alan Mulally warns on European overcapacity, Financial Times, May 25, 2014.

²³ Marx, O Capital, livro. III, capítulo XIV.

²⁴ Natixis, Recherche économique, Flash Economie, 27 de agosto de 2013 – Nº. 586

da taxa de lucro, com o término do processo de construção do mercado mundial, não há “exterior” para o capital como um todo.

Sem nenhuma melhoria em vista, seja pouco significativa ou durável, com a massa de capital fictício estando maior do que nunca, as instituições monetárias internacionais e os bancos se colocam na linha de frente. E elas assim estão quanto mais a liberalização e a desregulamentação econômica, com o efeito agravante das dívidas públicas, postas como sendo eternas, tornam a política monetária o único instrumento de política macroeconômica.

Garantia de salvamento permanente para os bancos

E crescimento sustentado pela injeção contínua de liquidez

“Passar de mercados dirigidos pela liquidez para mercados propulsionados pelo crescimento”: tal é a tradução mais fiel do subtítulo inglês do relatório do FMI (*Moving from Liquidity-to-Growth-Driven Markets*). Apenas um resumo foi publicado em francês. Falta-lhe o subtítulo, mas também a clareza e a mordacidade do original. O fio condutor é o seguinte. A aprovação do TARP (plano Paulson) pelo Congresso norte-americano evitou que a crise brutal do fim de setembro de 2008 se transformasse em crise sistêmica mundial. O salvamento de vários grandes bancos e companhias de seguros, assim como o apoio à General Motors e à Chrysler, seguidos de medidas de salvamento similares na Europa e de um novo plano sob Obama, sem esquecer as medidas tomadas pelo PCC na China, permitiram estabelecer um piso para a recessão mundial. Mas os mecanismos mundiais de valorização do capital pela apropriação de mais valia dependeram permanentemente da injeção contínua de dinheiro de parte do FED e de outros bancos centrais.

Começamos pela garantia de salvamento que beneficiam os maiores bancos. O relatório do FMI contém um terceiro capítulo intitulado “A quanto equivale a subvenção implícita que se beneficiam os bancos considerados muito importantes para deixá-los falir?” (*How big is the implicit subsidy for banks considered too important to fail?*)²⁵. Colocado no fim do relatório, deu lugar a poucos comentários ou a nenhum. Escondido em linguagem diplomática, o FMI constata que a amplitude dos fundos colocados à disposição dos bancos importantes no plano sistêmico (*systemic important banks* ou SIBs), em 2008, “deixou pouca incerteza quanto à vontade dos governos em salvá-los da falência. Isso reforçou os incentivos dados aos bancos para crescerem em tamanho, de forma que no conjunto, com o apoio ocasional dado pelos governos a fusões bancárias, o setor bancário tornou-se ainda mais concentrado do que era antes, em muitos países”. As estatísticas fornecidas em apoio mostram que o poder da finança não é um fantasma. A concentração bancária somente aumenta²⁶. A participação dos ativos dos três maiores bancos no total dos ativos bancários

²⁵FMI, 2014, op. cit., página 101 e seguintes.

²⁶ Sobre a questão da sustentação, incondicional ou quase, dos governos aos bancos e seus efeitos sobre a concentração bancária, tão forte nos Estados Unidos como em outras partes da OCDE, ver “Is Europe Overbanked?” European Systemic Risk Board, Reports of the Advisory Scientific Committee, nº4, June 2014. Esse relatório é de orientação neoclássica, mas contém muitas informações úteis.
http://www.esrb.europa.eu/pub/pdf/asc/Reports_ASC_4_1406.pdf?4fa1ede5965b4df5613605d6bab04a6b

aproxima-se de 65% na Espanha e na França e de 60% no Reino Unido²⁷. É claro que, paralelamente, os “governos lançaram reformas financeiras” (coeficientes de liquidez mais exigentes, aumento da supervisão bancária, etc.). O FMI destaca que eles trabalham sempre nesse sentido, antes de concluir “que, em qualquer caso, permanece em tudo a probabilidade antecipada de que os bancos importantes no plano sistêmico serão salvos em caso de ameaça de falência”. No plano quantitativo, “as subvenções públicas permanecem elevadas, mais na zona do euro do que nos Estados Unidos”. Uma das consequências é a “distorção da concorrência”. Da mesma forma que existem diferenciais de taxas de juros entre os empréstimos dos Estados (os spreads), existe também em favor dos bancos que se beneficiam do apoio dos governos²⁸.

A injeção de moeda sob as formas modernas de funcionamento da “impressora de dinheiro” (compra de bônus do Tesouro e de ativos financeiros, aí incluídos os títulos hipotecários) apresentou, depois de 2007, um crescimento exponencial. O que foi anunciado no terceiro trimestre de 2008 como sendo a resposta a uma crise excepcional e devendo ser apenas passageiro, foi substituído a partir da metade de 2009, por um crescimento acentuado da liquidez. É o que mostra o gráfico V.1c do relatório do BIS. Depois de 2007, o volume de ativos dos bancos centrais “mais que dobrou para atender o volume sem precedente de US\$ 20 trilhões (mais de 30% do PIB mundial)”²⁹. No caso do FED, cujo balanço é facilmente acessível depois de julho de 2014, sobre um ativo total de 4,4 trilhões e dólares, 2,4 trilhões são títulos do Tesouro e títulos da dívida pública e 1,6 trilhão são títulos hipotecários³⁰. É aí que se encontra a explicação da melhora que a economia estadunidense apresenta depois de 2012. Nos países centrais, os empréstimos aos bancos foram, por assim dizer, a título gratuito. Ao longo de todo o período e ainda em 2013, “os bancos centrais das grandes economias avançadas mantiveram suas taxas nominais próximas a zero e suas taxas reais negativas” (ver gráficos V.1a e V.1b do relatório do BIS, gráficos que se encontram na página 94 do BIS, no pdf do Relatório anual).

“Baixa eficácia” e efeitos perversos das políticas monetárias nos países centrais

“A baixa eficácia das políticas monetárias” é evidente, escreve o BIS³¹. As manifestações nesse sentido são numerosas. No caso dos grupos industriais, as taxas de juros muito baixas lhes permitem recomprar suas próprias ações na Bolsa para sustentar sua cotação³². Eles não têm, então, que tirar recursos de suas reservas e os departamentos financeiros podem delas se servir para aplicações especulativas como nos fundos financeiros.

²⁷ FMI, figura 3.4 (página 106). Na mesma página a figura 3.3 mostra o crescimento dos ativos de seis grandes grupos bancários a partir de 1997 e ainda entre 2007 e 2012, dos quais quatro europeus (Barclays, BNP Paribas, Deutsche Bank e HSBC).

²⁸ FMI, 2014, p, 106-109.

²⁹ BIS, 2014, página 94.

³⁰ Ver os gráficos publicados pelo FED de Saint-Louis cujas formas são particularmente instrutivas: <http://research.stlouisfed.org/fred2/series/WALCL>, <http://research.stlouisfed.org/fred2/series/WSHOTS> et <http://research.stlouisfed.org/fred2/series/MBST>.

³¹ BIS, 2014, página 100.

³² FMI, 2014, página 5.

Do lado dos bancos, o principal objetivo foi utilizar as taxas de juros reais muito baixas ou negativas para reconstituir seus fundos próprios em seus "balanços oficiais". Na zona do euro, por exemplo, em 2011, eles tomaram emprestados do BCE a 1% e emprestaram aos Estados, tais como a Grécia, a 6% ou mais³³. Georges Papandréou tinha constatado isso amargamente antes de ser afastado por Angela Merkel e Nicolas Sarkozy do G20 em Cannes, por ter pensado em recorrer a um referendun. Atualmente os bancos (bem como os fundos) emprestam aos Estados a taxas bem mais baixas, mesmo às "economias mergulhadas na recessão que apresentam um risco de default não desprezível, se acreditamos no BIS"³⁴. Mas como se sabe, eles não emprestam às pequenas e médias empresas nem às famílias. Conhecia-se, assim, "as retomadas sem emprego", bem como, depois do fim de 2009, as (fracas) retomadas "sem crédito"³⁵.

A fraqueza do crédito às empresas e às famílias foi acompanhada de processos cujos efeitos aumentam de novo a fragilidade financeira sistêmica. Inicialmente houve um novo impulso do *shadow banking*, chamado de "a finança na sombra" ou sistema bancário "paralelo". "O papel dos estabelecimentos financeiros não bancários, escreve o BIS, tem, assim, aumentado na medida em que a intermediação do mercado ganhava em importância após o desengajamento dos bancos. As sociedades de gestão de ativos, cujos portfólios se expandiram rapidamente esses últimos anos, constituem doravante uma importante fonte de crédito". O que o Bis não lembra, como muitos relatórios³⁶, é que um bom número dessas "sociedades de gestão de ativos" é formado de filiais de grandes bancos, chamados de "comerciais". As operações dessas filiais estão "fora do balanço" da sede mãe, mas esses bancos tem um pé no sistema "paralelo"³⁷. Viu-se as consequências sistêmicas em 2007-2008. A garantia de salvamento quase certa que os grandes bancos se beneficiam só pode encorajá-los a usar novamente as filiais de risco. Em geral, constata o BIS, "os investidores institucionais absorveram volumes excepcionais de novos títulos de dívida emitidos pelas empresas, em particular aquelas cuja garantia era de qualidade inferior. O volume bruto de emissões para a parte do mercado de alto rendimento aumentou acentuadamente, passando de uma média trimestral de U\$ 30 bilhões antes da crise para U\$ 90 bilhões por trimestre, após a crise, em 2013". E isso numa economia mundial em fraco crescimento.

A "finança na sombra" e a bolha imobiliária na China

O sistema financeiro chinês não está ainda completamente integrado ao sistema mundial. Com exceção do mercado bursátil de Shanghai, cujas cotações são seguidas com atenção nas outras Bolsas, existe ainda certo grau de "fechamento" entre seus mercados financeiros e os mercados mundiais. Mas o grau de financeirização da economia chinesa e a

³³ O mecanismo é aquele dos LTRO (Long Term Refinancing Operations) do BCE.

³⁴ FMI, 2014, página 26.

³⁵ FMI, 2014, página 100.

³⁶ É o que faz a Comissão Europeia http://ec.europa.eu/internal_market/bank/docs/shadow/green-paper_fr.pdf

³⁷ Há uma análise correta dos participantes do shadow banking na Wikipédia. Ver http://fr.wikipedia.org/wiki/Finance_de_l'ombre

dimensão de seu setor imobiliário fazem com que a situação macroeconômica do conjunto tenha se tornado tão sensível a seu comportamento quanto nos países capitalistas antigos. Por isso o relatório do FMI o trata em sua parte geral. Ele o faz em termos diplomáticos, mas não espera menos do banco central (chinês), do que uma “melhoria de sua capacidade em administrar movimentos imprevisíveis na demanda de liquidez, que assegure a implantação sem muita demora de um sistema de garantia de depósitos e a liberalização dos mecanismos de determinação das taxas de juros, e que consolide, enfim, o quadro institucional necessário à regulamentação de falências das instituições financeiras”. Uma agenda considerável, como se vê. O FMI também pede que terminem a “garantias implícitas” que se beneficiam tantos os bancos como as autoridades municipais regionais. É importante que os investidores e os credores no final da cadeia estejam prevenidos que eles terão que suportar o “custo de excessos anteriores”³⁸.

Essas advertências e recomendações se explicam especialmente pela formação em alguns anos de um sistema bancário paralelo, um “*shadow banking system à la chinesa*”, mas também pelo crescimento de créditos de alto risco, especialmente no setor imobiliário. Estes, por sua vez, traduzem as contradições e os impasses que se acumularam no decurso da acumulação na China³⁹. Em todos os sistemas financeiros existem uma grande porosidade no sistema bancário “normal” e em nenhum lugar o sistema bancário paralelo, também chamado em francês de “finança na sombra”, se desenvolveu sem a participação dos bancos. O FMI descreve o mecanismo específico da China. Um banco faz um empréstimo a uma empresa financeira chamada de “trust”. Em seguida, ajuda o trust a reembolsar esse empréstimo, permitindo-lhe fazer empréstimos ou a colocar títulos junto a seus próprios depositantes mais ricos. O trust lhe promete rendimentos bem mais elevados que aqueles referentes a seus depósitos. Esses são provenientes dos empréstimos feitos para as empresas imobiliárias e municipalidades pelos investimentos imobiliários. Os títulos emitidos tem maturidade muito curta, de maneira que sua emissão e seu reembolso são fontes de grande volatilidade. O efeito de alavancagem dos trusts é estimado, “de maneira conservadora”, em 35%⁴⁰.

No setor imobiliário, a contradição específica com a qual o PCC é confrontado é a de conciliar a luta contra as transações imobiliárias, que são uma das principais fontes de renda das municipalidades (e de corrupções), contra as altas de preços que são fatores de tensão social (poder de compra e aluguel)⁴¹ e contra o forte risco de explodir a bolha imobiliária, e junto com ela as sociedades financeiras e os bancos. A perspectiva, quer dizer, a probabilidade evidentemente não datável, de um duplo crash imobiliário e financeiro, faz

³⁸ FMI, 2014, p. x.

³⁹ Pode-se consultar utilmente o livro de Mylène Gaulard, Karl Marx à Pékin, As raízes da crise na China capitalista, Demopolis, Paris, 2014. Nele encontra-se, entre outros, um capítulo sobre a finança.

⁴⁰ FMI, 2014, p. 32.

⁴¹ Mylène Gaulard, L'évolution du marché de l'immobilier chinois, un révélateur des difficultés rencontrées par les collectivités locales, Perspectives chinoises, 2013/2, <http://perspectiveschinoises.revues.org/6526>.

com que a situação chinesa seja seguida muito atentamente⁴². O FMI distingue o que ele chama de contra golpes internacionais iniciais (*first-round cross-border financial spillovers*), que ele estima que permanecerão sem dúvida limitados pelo fato da integração da China na mundialização financeira ser inacabada, dos efeitos macroeconômicos que seguiriam um crash financeiro cujas consequências poderiam afetar fortemente outras economias.

As economias emergentes,

campo preferido dos fundos e ponto nevrálgico dos choques financeiros

“O apetite ao risco” dos investidores e sua “busca por rendimento” (expressão empregada onze vezes no relatório do BIS, em seu capítulo IV) fazem dos mercados financeiros dos países chamados “emergentes” o terreno preferido dos diferentes tipos de fundos de aplicação. A brutalidade de seu movimento de retirada em 2013, assim que o FED deixou entender que poderia se preparar para aumentar muito ligeiramente sua taxa básica, determinou que o FMI consagrasse um capítulo inteiro de seu relatório à vulnerabilidade dos mercados financeiros emergentes, com exceção da China e da Índia. O FMI identifica diferentes investidores e detalha suas estratégias. Chega à conclusão que “o novo mix de investidores globais de portfólios é de natureza a tornar os fluxos financeiros de portfólios mais sensíveis às condições financeiras globais. A parcela dos fluxos de obrigações mais voláteis aumentou e uma participação estrangeira crescente nos mercados financeiros nacionais pode transmitir uma nova instabilidade. O FMI identifica diferentes investidores e detalha suas estratégias. Ele chega à conclusão que “o novo mix de investidores globais de portfólios é de natureza a tornar os fluxos financeiros de portfólios mais sensível às condições financeiras globais. A parte dos fluxos de obrigações mais voláteis aumentou e uma participação estrangeira crescente nos mercados financeiros nacionais pode transmitir uma nova instabilidade. O investimento crescente efetuado pelos investidores institucionais, que se comportam geralmente de maneira estável nos períodos de estabilidade é bem-vindo, mas esses investidores podem se retirar de maneira muito brusca e durável em caso de um choque extremo. Mesmo se as condições macroeconômicas internas têm sua importância, os comportamentos de “rebanho” (herding) dos investidores persistem e não melhoraram depois de 15 anos”⁴³. Os mais perigosos são os fundos comuns de aplicação (Fundos Mútuos) e as sociedades de investimento a capital variável (SICAV). Reagrupadas sob o nome de “varejistas globais”, eles detinham, em 2013, 20% das obrigações dos países emergentes e mostravam volatilidade na gestão de seus portfólios. Os Fundos Mútuos americanos e japoneses são sociedades autônomas e não filiais de grupos bancários (como é

⁴² Um despacho da Reuters anunciava que o órgão de imprensa público China News Services relatou em 17 de março que a sociedade Zhejiang Xingrun Real Estate devia 2,4 bilhões de yuans (279 milhões de euros) a 15 bancos e 1,1 bilhão a investidores particulares. Wang Ruilin, encarregado da administração dos negócios imobiliários da cidade, declarou que o proprietário Zhejiang Xingrun e seu filho tinham sido presos por levantar fundos ilegais. Na sequência desta notícia, o índice do setor imobiliário da Bolsa de Shanghai recuava em 0,9% pelas 7:25 horas de greenwich. As ações de incorporadoras como Beijing Capital Development, Xingye Resources e Poly Real Estate recuavam paralelamente de 3,87%, 3,16% e 2,82%, respectivamente.

⁴³ FMI, 2014, p. 67. Voltar 15 anos é voltar a 1998, ano do pico da crise asiática e da crise russa.

na França, especialmente) para os quais há uma grande quantidade de informações disponíveis. Várias páginas do relatório do FMI lhes são consagradas.

O FMI teme o comportamento dos fundos em caso de um "choque extremo". Ele não dá uma definição, mas o termo parece incluir eventos de um grau de gravidade muito inferior àquele que o sistema financeiro mundializado conheceu em 2007 e 2008. O que pode ser interpretado como um sinal de sua grande fragilidade. Em maio de 2013, o FED deixou a entender que ele poderia começar a subir sua taxa básica. Isso deu lugar a vendas maciças no mercado de obrigações (o que se chama um "crash de títulos", que se produz assim que os investidores vendem seus títulos, antecipando ter o que emprestar ao Banco Central a uma taxa mais elevada). O BIS dá uma cronologia detalhada do que se passa em seguida nas economias emergentes. Ele identifica duas vagas de "retiradas generalizadas" (fugas de capitais) dos mercados emergentes.

A primeira (maio – início de setembro de 2013) foi desencadeada por um "choque mundial": a retirada maciça no mercado de títulos depois do anúncio da redução das compras de ativos pelo Federal Reserve. A segunda (novembro de 2013 – janeiro de 2014) resultou da própria evolução macroeconômica nas economias emergentes. O primeiro episódio faz lembrar as crises financeiras mexicana, asiática e russa dos anos 1990, nas quais houve a combinação de fuga de capitais, colapso dos mercados financeiros e queda do valor das divisas. "De natureza brutal e generalizada, escreve o BIS, ela se caracteriza por fortes flutuações dos preços dos ativos (...). Assim que a vaga de liquidação se propagou das economias avançadas em direção às economias emergentes, essas últimas conheceram uma brusca reversão dos fluxos dos portfólios, sobretudo em junho de 2013. Suas ações caíram 16%, antes de se estabilizar em junho de 2013, enquanto que os rendimentos dos títulos soberanos saltou mais de 100 pontos de base, sob o efeito de preocupações crescentes com relação ao risco soberano". Encontramo-nos frente a "uma retirada indiferenciada que afetou simultaneamente numerosas moedas de economias emergentes, acarretando desvalorizações em cadeia em um contexto de forte volatilidade"⁴⁴.

As moedas da África do Sul, do Brasil, da Índia, da Indonésia e da Turquia se depreciaram em mais de 10% em relação ao dólar. O Brasil, a Índia, a Indonésia e a Rússia perderam mais de 10 bilhões de reservas. A segunda vaga de retirada foi mais longa e mais diferenciada. Em setembro e outubro de 2013, as economias emergentes se recuperaram menos do que as economias avançadas, o nervosismo de seus investidores se intensificou e, portanto, as condições dos empréstimos se tornaram mais rigorosas. "Os rendimentos dos títulos públicos e as diferenças de rendimento (os spreads) ficaram elevados em um contexto persistente de fuga de capitais". As pressões sobre a taxa de câmbio dos países mais expostos atingiu um máximo em janeiro de 2014, o Banco Central da Argentina precisou deixar o peso se depreciar e perdeu mais de 10% em um único dia⁴⁵.

⁴⁴ BIS, 2014, página 29.

⁴⁵ A questão do Fundo Abutre e a extensão territorial dos julgamentos de tribunais estadunidenses exige longos desenvolvimentos e não é tratado aqui.

Em direção a novos tremores financeiros?

Na maioria das grandes economias “emergentes”, o endividamento privado permanece muito inferior àquele atingido nos países industriais antigos. Depois de fevereiro de 2014, entretanto, viu-se artigos e notas na imprensa financeira se inquietarem sobre a possibilidade de que se produzissem crises bancárias - na China, é claro - em função da situação apresentada anteriormente, mas também em Singapura e na Austrália⁴⁶. A falência e reestruturação recente do banco português Banco Espírito Santo trouxe uma nova demonstração da forte opacidade dos bancos da zona do euro e de sua capacidade de escapar aos “*stress tests*”, que supostamente são para mostrar a situação mais ou menos exata de seu balanço. O caso do Banco Espírito Santo colocou também em evidência as ligações entre a “atividade de banco” e a “atividade mafiosa”⁴⁷. Em Nova Iorque, em um segmento bem mais importante da finança, os analistas financeiros se preocupam com a formação de uma nova bolha com ações de empresas de “alta tecnologia”⁴⁸. Em geral, um debate animado se desenvolveu depois de algumas semanas em torno do realismo e da sustentabilidade do nível das cotações nos principais mercados bursáteis. Estas são as consequências da presença desses montantes vertiginosos de capitais que buscam aplicações e especulações em seu favor.

A constatação da atonia do crescimento mundial, apesar das “políticas monetárias flexíveis”, incentiva os organismos financeiros internacionais a demandar insistentemente aos governos que parem de se apoiar nos bancos centrais. “A política monetária está sobrecarregada há muito tempo” insiste o BIS⁴⁹. Na introdução, pede “a implantação de políticas específicas”⁵⁰ que são de responsabilidade dos governos. E mais adiante, reza o conhecido rosário: “reforço do papel da oferta”, “saneamento dos balanços” e “reformas estruturais”⁵¹. Sua “combinação varia necessariamente de um país a outro, mas compreende frequentemente a desregulamentação dos setores protegidos, como os serviços, a melhoria da flexibilidade do mercado de trabalho, o aumento das taxas de atividade e a redução da hipertrofia do setor público”⁵². Na zona do euro os trabalhadores e as camadas populares da Grécia, Portugal e Espanha sabem o que esses nomes significam. Os da Romênia, da Bulgária e dos países da ex-Iugoslávia, igualmente. São as próprias condições da reprodução social de amplas partes da sociedade que estão na linha de mira daqueles – “homens de preto” – que são enviados de Frankfurt, de Bruxelas e de Washington, para reforçar a determinação dos governos de plantão, assim que eles vacilam. Por esse motivo, na França,

⁴⁶ <http://www.forbes.com/sites/jamesgruber/2014/03/02/em-banking-crises-are-next/>

⁴⁷ Remeto ao artigo de Marine Orange e às pesquisas que ela encaminha. http://www.mediapart.fr/journal/international/060814/lunion-bancaire-lepreuve-de-la-faillite-du-banco-espirito-santo?page_article=1

⁴⁸ Ver por exemplo <http://blogs.wsj.com/moneybeat/2014/04/22/david-einhorn-we-are-witnessing-our-second-tech-bubble-in-15-years/>

⁴⁹ BIS, 2014, página 23.

⁵⁰ BIS, 2014, página 3

⁵¹ BIS, 2014, página 23

⁵² BIS, 2014, página 17.

para não deixar de falar do país onde este artigo é escrito, o combate anticapitalista e anti-imperialista do povo começa em seu próprio país, contra seu próprio governo e contra seus bancos. O combate contra a ilegitimidade e pelo não pagamento da dívida pública é aí, mais do que nunca, um componente central⁵³.

⁵³ Ver o recente relatório do Coletivo para uma auditoria cidadã da dívida pública. Que fazer da dívida pública na França? Acessível principalmente na página do Attac France. Os novos cálculos, nos quais o relatório se baseia, concluem, se atendo somente a taxa de juros pagos sobre a dívida e aos incentivos fiscais, à uma ilegitimidade de 59%. Em meu livro *Les dettes illégitimes. Quand les banques font main basse sur les politiques publiques*, Raisons d'Agir, Paris 2012, eu tinha ampliado a problemática para aí incluir o objeto das despesas financeiras, especialmente aquelas que sustentam a produção de armas e os grupos de armamento Dassault e Thalès.